

E eu leio primeiro. –J.

Se você encontrar, devolva. Por favor.

SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: pacotes de verdade não voltam voando. Com uma bicicleta de verdade, quem manda é a última página. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Terceiro livro da série. Os anteriores: “Este pacote morde” e “Não abrir antes do trovão”.

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

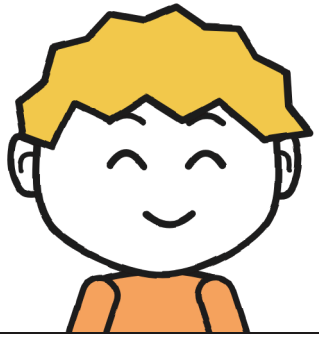
Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

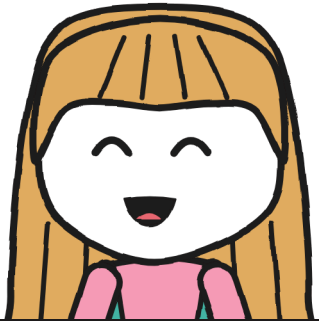
Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum entregador saiu ferido durante a escrita deste livro. Corado, sim. —J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Desenha coisas que ninguém pediu. Este caderno é dele.



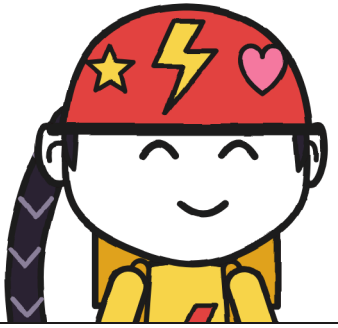
Júlia. Escreve em verde e assina J. Sempre sabe como ajudar. Esse é o problema.



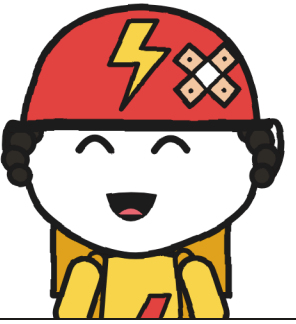
Toninho. Entrega pela RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça. Fica vermelho por partes.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.



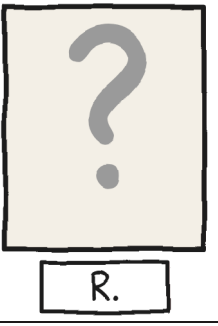
Zoe. Da RAIO. A mais rápida. Dá os apelidos.



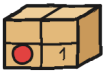
Bruno. Da RAIO. Furou o pneu uma vez. Faz dois anos.



O pacote nº 3. Toca quando mexem nele. Na etiqueta só tem um nome.



R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.



CAPÍTULO 1

Tlim

Tlim.

Foi um barulho muito pequeno, desses que só se ouvem quando todo o resto se calou: uma colherinha numa xícara, a campainha de uma bicicleta de brinquedo. Vinha da estante dos devolvidos, e nós quatro, os que ainda estávamos na loja da Mara, ficamos tão quietos que dava para ouvir cair uma faísca do carimbo.

A tempestade tinha ido embora havia um tempo. Júlia continuava em cima do meu banquinho azul, com a canetinha verde no alto e o 18 recém-escrito ao lado do 19 riscado. Mara estava com uma mão a meio caminho da porta de enrolar. Eu, que não sei o que fazer com as mãos nem nos melhores momentos, não fiz nada com elas.

Era o nº 3. E Toninho, que entrega pela RAIO em dez minutos ou de graça, ficou da cor do capacete.

O caderno era novo. O 2 acabou numa tempestade só; este é verde, tem num canto o carimbo da loja e era eu que ia estrear, com cerimônia: título na primeira página e uma palavra nova.

CADERNO DE ENTREGAS 3 · do Guto. SECRETO.

"Secreto" quer dizer que eu leio primeiro. E não conto para ninguém. —J.

Escrevi o título com a língua para fora e fui buscar uma borracha, para o caso de ter ficado torto. Quando voltei, Júlia já tinha estreado o caderno.

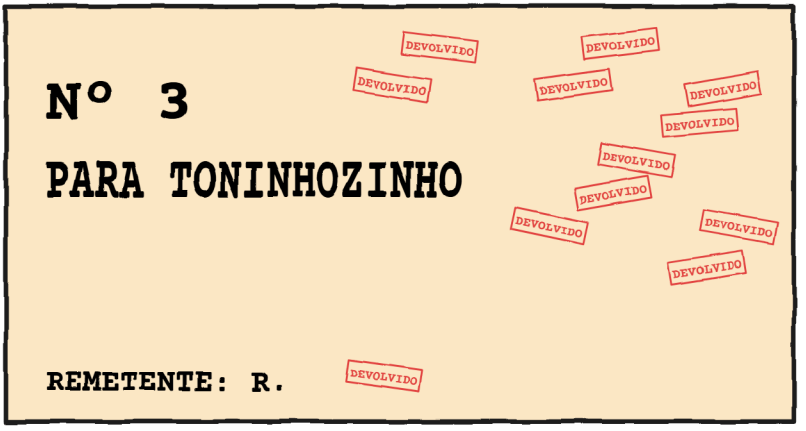
— Estreei para te ajudar — disse. — De nada.

Eu não tinha pedido ajuda. Com a Júlia, tanto faz.

O resto é para o caso de um dia alguém que não seja ela ler isto. A loja se chama Entregas Impossíveis e é da Mara, que é bruxa, usa chapéu roxo e tem um carimbo que, quando carimba, solta faíscas com cheiro de vela apagada. Na estante da esquerda ela guarda os devolvidos: pacotes que ninguém conseguiu entregar. Eles têm uma regra só: se quem recebe um deles não assina a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer o pacote volta voando para a prateleira dele, pontual como um gato na hora do jantar. Eram vinte, e quem manda todos é sempre a mesma pessoa, R., de quem eu já tinha seis pistas no caderno azul. Júlia e eu entregamos dois, um ovo de dragão e umas sementes com patas que corriam, e na parede está escrito, com a letra dela e em verde, RESTAM 18.

Júlia é a dos bilhetes verdes. Eu sou o Guto, o novo do bairro: quase tudo que é meu continua em caixas. E Toninho é o entregador da RAIO, o da mochila amarela, que cumpre castigo com a gente aos sábados e que, desde a tempestade, tem lugar próprio na loja: uma caixa de entrega virada para baixo, junto dos banquinhos. Mara pôs ali sem dar explicações. "Por enquanto", disse. Ninguém teve coragem de perguntar quanto tempo dura um por enquanto.

O nº 3 estava na prateleira de cima, ao lado dos dois vazios deixados pelo ovo e pelas sementes, com a etiqueta virada para a frente. Cheguei perto para ler, em pé e sem tocar.



Três linhas datilografadas: Nº 3. PARA TONINHOZINHO. E lá embaixo, REMETENTE: R. Entre o nome e a última linha sobrava um campo inteiro de papel em branco. Em volta, doze carimbos de DEVOLVIDO. Contei.

Júlia desceu do banquinho com um pulo e ficou do meu lado. Leu em voz alta:

— Para To...

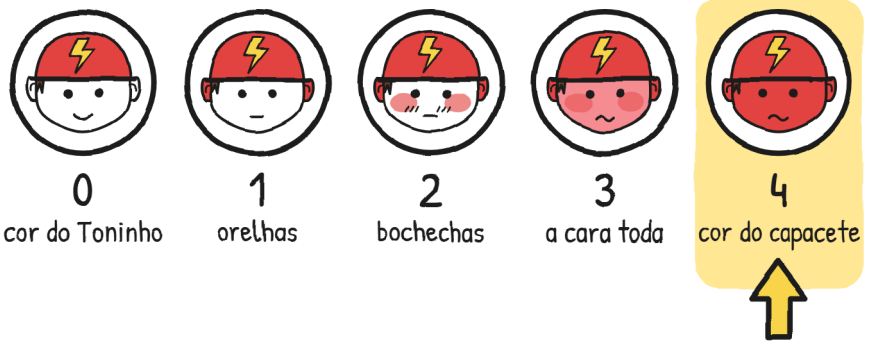
E fechou a boca.

Júlia nunca se cala no meio de uma palavra. Olhei para Toninho e entendi por quê.

Li só metade. A outra metade eu engoli. –J.

Tem gente que fica vermelha de uma vez. Toninho, não: Toninho fica vermelho por partes. Começou pelas orelhas. Continuou pelas bochechas. Depois a cara inteira se encheu, até a tira do capacete, e ainda faltava um último degrau, o pior, que é quando a cara e o capacete deixam de se distinguir. Desde o tremômetro do nº 2, não consigo olhar para nada que muda sem botar uma escala, então anotei.

VERMELHÔMETRO DO TONINHO



Júlia esticou o braço para o pacote, para ler o que faltava.

— Esse pacote pode esperar — disse Toninho, bem depressa. — Está esperando há anos, né? Então mais um dia. Ou dez. A RAIO não tem pressa.

Era a primeira vez que eu ouvia a RAIO dizer isso.

— Hoje à noite não se abre nada — disse Mara. — E ninguém mexe na estante sem permissão.

A mão da Júlia ficou no ar, a um dedo da etiqueta. Ninguém tocou em nada. E então tocou de novo.

Tlim.

— Foi a porta! — disse Júlia, com uma voz que eu não conhecia: alta demais e cedo demais.

A porta estava fechada desde que a Vera foi embora.

Quando eu não entendo uma coisa, faço uma lista. Suspeitos do tlim:

1. A porta. (Proposta da Júlia. Fechada, sem corrente de ar e sem ninguém para empurrar.)
2. A bicicleta do Toninho, na calçada, com a campainha da RAIO. (Faz TRIIIM, não tlim. Mas é uma campainha.)
3. O sapo de borracha. (Júlia declarou o sapo inocente na hora. Diz que conhece bem.)
4. O nº 3.

Botei o nº 3 por último, por educação.

Saí na calçada para conferir. Levei o sapo comigo, porque suspeito não se interroga à distância.

Já não chovia. A rua cheirava a asfalto molhado e cada poça tinha um poste de luz dentro. Abri e fechei a porta: nhiiic. Toquei a campainha da bicicleta do Toninho: TRIIIM! Apertei o sapo: quic.

Do outro lado do vidro, Júlia dizia que não com o dedo. A cada barulho, a mesma coisa, de um lado para o outro, como o limpador de para-brisa de um carro. Nenhum era o tlim.

Voltei a entrar e deixei o sapo no balcão. Toninho, que me viu olhando para ele, se remexeu na caixa dele.

Tlim.

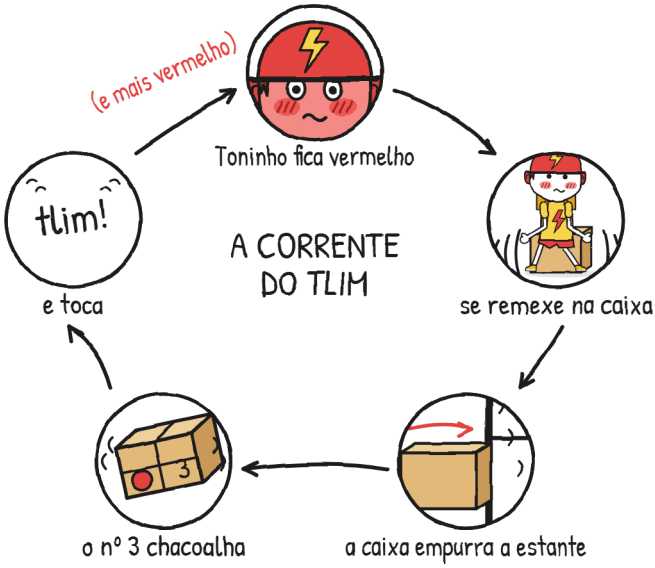
Eu me abaixei. A caixa do Toninho estava encostada no pé da estante.

Desenhei ali mesmo, de joelhos, e saiu um círculo, porque por mais voltas que eu desse não achava onde ele começava.

Não era magia. Era o Toninho. Dentro do nº 3 tem uma coisa que toca quando mexem nele.

Como eu. –J.

Toninho seguiu meu olhar até o pé da estante, olhou a caixa dele e decidiu ficar quieto.



Durou o que dura um elástico esticado.

Quieto. Depois, mais quieto: tão quieto que dava para ouvir ele pensando "quieto", com uma gota de suor descendo pela têmpora. Júlia estava havia um minuto inteiro sem falar, o que para ela é como prender a respiração debaixo d'água, e mais cedo ou mais tarde a gente volta à tona com o que tem mais perto da boca.

— Quem é Toninhozinho?

Toninho deu um pulo. A caixa empurrou o pé da estante, a estante tremeu e o nº 3 disse TLIM! com uma força que nenhum tlim merece. Mara olhou para o teto, como quem conta até três.

— Era só uma pergunta — disse Júlia. — Pergunta não empurra estante.

Essa, sim.



— Era eu — disse Toninho, olhando para os próprios tênis.
— Quando eu era pequeno.

Falou tão baixinho que o sapo, que estava no balcão mais perto dele do que eu, ouviu melhor.

Júlia abriu a boca. Vi as perguntas dela fazendo fila, como na padaria num domingo de manhã, a primeira já com o dinheiro na mão. Depois olhou para Toninho, que continuava de olho nos tênis, e fechou a boca.

— Não pergunto mais — disse.

Foi difícil. Deu para notar no pé: tec, tec, tec contra o chão da loja.

Perguntas que eu não fiz: nove. Tenho todas anotadas. –J.

— E por que você nunca entregou? — perguntei à Mara.

— Doze vezes eu levei — disse Mara. Ninguém precisou contar os carimbos. — Olha a etiqueta: nem rua, nem número da casa, nem sobrenome. Tentei com todos os Toninhozinhos que encontrei.

Foi contando de memória, nos dedos, e eu fui desenhando conforme ouvia. Um canário, que se chamava Toninhozinho de verdade e que pisou na etiqueta: não valeu. Don Antonio, de 71 anos, que botou os óculos, leu o papel duas vezes e disse "Quem me dera", olhando como quem olha uma vitrine. Uma barca do canal com o nome pintado na lateral, que também não assinou, porque não tem mãos.



— E o Toninho? — perguntou Júlia.

— Da última vez que tentei, eu ainda não o conhecia — disse Mara, e olhou para ele. — E ninguém me contou como o chamavam quando pequeno.

Mara tirou um pano roxo de baixo do balcão e cobriu o nº 3 como quem cobre a gaiola de um papagaio para ele dormir. Depois pediu ao Toninho que levantasse um instante e afastou a caixa dele dois palmos da estante.

— Pronto. Agora pode se mexer à vontade.

Toninho podia ter ido embora. A bicicleta estava na porta: em dez minutos ele teria chegado do outro lado do bairro. Voltou a sentar.

Não sei por quê. Anoto assim mesmo.

E, como a caixa dele não tem encosto, desenhei um: alto, meio curvo, com uma almofada pequena, a lápis e com linha pontilhada, e embaixo, em letra miúda: "encosto (ideia minha)".

Ninguém pediu um encosto. –J.



Na hora de fechar, Toninho ficou por último, afivelando o capacete com uma lentidão que na RAIO seria falta grave. Mara apagava as luzes uma de cada vez; o pano roxo continuava sobre o pacote, na prateleira de cima.

— Mara. Amanhã eu venho falar disso. Mas em particular.

— Esses dois são da loja — disse Mara, sem se virar.

Toninho olhou para nós. Para a Júlia primeiro; depois para mim. Eu me endireitei no banquinho.

— Esses, tudo bem — disse. — Mas ninguém da RAIO.

Saiu e se afastou entre as poças, com a bicicleta na mão.

O tlim já tinha dono. Faltava saber se o dono o queria.

Eu já sei como ajudar o Toninho. –J.

É isso que me preocupa.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. Mesmo tlim. –J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)